

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 184

Assinaturas

AVEIRO — Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, um anno 23500. Semestre, 13500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º ANNO

PARTIDO REPUBLICANO

Sob este titulo publica o nosso collega *Resistencia*, de Coimbra, o artigo que se segue:

«Accentua o nosso presado collega *Jornal de Abrantes* uma verdade que por mais duma vez neste logar consignamos: que a actual decadencia do partido republicano é mais o effeito logico do abandono, do indifferentismo, dos erros dos seus homens, do que o resultado fatal de toda uma série de perseguições infames que este ou aquelle grupo da monarchia lhe haja movido.

Evidentemente, essas perseguições só vieram e se ampliaram, e redobrarão de audacia quando se sentiu que o partido republicano as não repelia com toda a vehemencia denunciadora d'um organismo forte.

Uma resistencia decidida, bem organizada e melhor dirigida, teria sem duvida annullado a acção liberticida dos governos da monarchia. O regimen animou-se na nossa fraqueza. Não nos bateu no nosso posto, luctando: não lhe demos tempo a isso: desertamos.

Momentos opportunissimos se propiciaram para uma intervenção importante do partido republicano. A occorrença de factos graves, implicando um verdadeiro perigo nacional, repetidas vezes lhe tem offerecido ensejo ás manifestações da sua força e da sua sinceridade patriótica.

Mas o partido republicano ha muito que esqueceu o seu programma de propaganda e de lucta e se desinteressou por completo dos mais altos e respeitáveis interesses do paiz.

Por isso se o partido republicano está morto não lancemos mais este crime na conta corrente da monarchia. Não, não foi ella que o matou: foi o partido republicano que se suicidou.

Abandonando systematicamente a oportunidade da lucta, o partido republicano alheiou de si a confiança publica.

Deixou suspeitas onde creára esperanças; desalentos onde acendera estímulos.

E hoje, se ainda para elle se voltam os pensamentos de muitos homens sensíveis ás desgraças da patria, é tão sómente por este irresistível, dominador impulso que a todos força, n'um momento de desespero cruciente, a olhar com ancia soffrega para o que pensamos representar a salvação.

Mas o que é tristemente verdadeiro é que os homens mais illustres do partido republicano, confugiando-se n'um inexpugnável isolamento, não alimentam por forma alguma a fé que o povo possa ter na Republica. Ao contrario, com o exemplo da sua inercia, do seu desapego ou do seu egoismo, contribuem poderosamente para que a sua fé desapareça e a desconfiança justificada com que se olham todos os politicos do regimen nos envolva tambem a nós.

Porque é indubitavel que hoje não damos materia para grandes esperanças. Temos sempre a pensar sobre nós a accusação d'um extenso periodo de desoladora

esterilidade, que todavia só por nossa culpa deixou de ser fecundo em campanhas proficuas e uteis protestos.

Quando um novo salvador forma salto para cair no poder, não deixamos de proclamar a especulação que se apresenta rebucada em programma vistoso, e defendemos a proposição de que só derrubando a monarchia e fazendo a Republica o paiz pôde resurgir do abysmo a que o baldearam.

Perfeitamente. Mas reconhecamos a quem quer que seja o direito de nos perguntar com que homens nós contamos para realizar a obra de honrada energia e de fervente patriotismo que a Republica exige, mais dos processos que tencionamos applicar á administração publica e as ideias que nos orientam acerca dos multiplos problemas nacionaes.

Sim, porque esses homens que nós dizemos abrilhantar as nossas fileiras, e sobrupnar por sua superioridade os politicos do regimen, são os primeiros que, retrahindo-se, tornando-se inaccessíveis, confessando-se isolados, parecem indicar a sua pouca fé n'um ideal que lhes não merece sacrificios de qualquer especie.

E egualmente, visto que nós não temos pronunciado sobre tantas e tantas questões graves, é justo aceitar que outros nos interroguem sobre as nossas ideias e os nossos processos, cuja propaganda nos temos esquecido de fazer.

Sempre que dos aggrupamentos monarchicos um homem de maior realce destaca, com uma cortiumcula á sua volta, e se propõe governar com intuitos de salvação, arguimos-lhe logo os termos vagos, consagrados em as proclamações d'esta natureza, que elle se apresenta, e esquecemos que nós proprios, n'esta phase de accentuada decadencia, nos acostamos ao mesmo processo facil de réclamo.

Moralidade! Economias! Assim pregam os salvadores apodados de charlatães: assim pregamos nós.

Para que esta situação se modifique e nós possamos impôr nos ao respeito e á sympathia do paiz: para que resgatemos n'uma lucta porfiada todos os lamentáveis erros da nossa longa e perniciososa desorientação: para que a Republica volte emfim a constituir justificadamente uma esperança de redempção nacional, é que nós vimos de ha muito propugnando a causa da immediata reorganização das forças republicanas.

Fructificará esta campanha? Ficarão perdidos todos os nossos esforços? Ignoramos-o. O que importa registrar é que cumprimos o nosso dever e que só aos outros fica a responsabilidade de não haverem cumprido o seu.

Muito bem. O collega de Coimbra diz incontestáveis verdades. Não as diz todas. Mas já é bom symptoma dizer algumas.

Pois resolvam-se os republicanos a tomar todos a mesma attitudé, a confessar e a apontar erros passados, e a reprimir erros futuros, e verão como a causa republicana volta a ter prestigio.

Mas se continuarem a deixar

impunes egoismos e especulações, deixem-se de appellar para os republicanos de juizo, e para a parte do paiz intelligente e digna, que não conseguem coisa alguma.

— Toda a fortuna de um homem da côrte consiste em saber adular, mentir, furtar e repartir.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

Coronel Gama Lobo

Por mal informados dissémos, no nosso ultimo numero, ter sido promovido a general e transferido para a 2.ª divisão este illustre militar, quando é certo que s. ex.ª foi sómente transferido para o commando da 2.ª brigada, com séde em Lisboa.

O SR. MATTOSO

O excellentissimo senhor Mattoso ha de nós fazer o favor de se não cançar connosco. O que nos diz respeito pouco importa. Seguimos hoje a politica local que seguimos sempre. Apoiamos o grupo que dá maiores garantias á causa liberal em Aveiro e aos interesses da terra. Quando os progressistas introduziam no hospital da irmãs da caridade, e ameaçavam, por todas as fórmãs, o espirito liberal, acceitámos, contra elles, a colligação com os regeneradores. Hoje, que o caso é diferente, acceitamos a colligação dos progressistas contra os regeneradores, ou francaceos, que as creaturas são as mesmas.

Os regeneradores, os miseráveis, estavam reduzidos á triste condição de verem os seus corypheus figurarem como sapateiros e marretos nos cadernos electoraes. Nem forças tinham para impedir esse sarcasmo. Elevámos, como diz o *Carranca*, abateámos o grupo progressista então dominante, e os mariolas, ainda no dizer do *Carranca*, começaram logo a abusar escandalosamente. Deixámos los ir de abuso em abuso. Collocados entre dois males, preferimos muito tempo o menor, que ainda era Jayme de Magalhães Lima em frente de Barboza de Magalhães, embora Barboza de Magalhães, individualmente, seja mais intelligente e mepos reaccionario que o famigerado morgado do Carmo. Mas os abusos cresceram; mas a canalha, que segue o morgado do Carmo, tornou-se insolente; mas o morgado do Carmo começou a ostentar descaradamente o seu espirito reaccionario; mas o grupo reaccionario, altamente reaccionario tambem, que acompanha Barboza de Magalhães, colligou-se com o outro; e nós, vendo a reacção toda d'um lado, e vendo, juntamente, que, sendo reaccionarios reifintos, nem ao menos tinham influencia e habilidade para favorecer os interesses locais, abrimos campanha contra elles favorecendo, decididamente, o grupo politico opposto aos dois.

Ora eis tudo. O excellentissimo senhor Mattoso não gosta? Isso sabemos nós. Mas se não gosta, é porque acer-

támos. O que o excellentissimo senhor Mattoso pretendia, o que lhe agradava, era que ficassemos a fazer figura d'idiota clamando pela liberdade e deixando ir a liberdade por agua abaixo. A bella figura que fazem muitos idiotas que nós conhecemos. A liberdade a afogar-se e elles, em nome da intransigencia, isto é, da idiotice, a gritarem: *viva a liberdade!* Quando não lhe saltam para o cachoço como algozes, á maneira do celebrado cidadão Affonso Costa, sempre apregoando *republica e intransigencias de principios*.

O que o excellentissimo senhor Mattoso queria, era isso. Que nos abstivéssemos, ao menos, enquanto elle e morgado do Carmo, com a turba de garotos e tratantes que trazem pela corda, levavam a pontapés as tradições e a honra d'esta terra.

E enganou-se? Tenha paciência, excellentissimo.

Connosco não se cance. Ordene á garotada, contra nós, o que quizer. Ficamos na mesma. O excellentissimo é que fica peor, porque, como a garotada é imbecil, sempre que mostra o rabo fica com o rabo trilhado.

Não se cance connosco, excellentissimo. Cance-se consigo proprio, que bem necessario lhe é. Ah! é que é dar-lhe. O excellentissimo ha de nos dizer como é que sendo tão *affeigado*, pessoal e politicamente, ao sr. José Luciano de Castro, faz no concelho de Aveiro precisamente o contrario d'aquillo que o sr. José Luciano recommenda e pede.

Não queremos saber se o sr. José Luciano gosta ou não gosta da nossa attitudé em frente do sr. Francisco de Castro Mattoso. Não temos nada com o sr. José Luciano, nem o sr. José Luciano tem nada connosco. Não temos que lhe guardar lealdades ou fidelidades, nem que ter em conta disciplinas partidarias, porque não pertencemos, nem havemos de pertencer, ao partido de s. ex.ª. Ou o sr. José Luciano goste, ou não goste, é o mesmo. Gostamos nós. Eis tudo. Gostamos nós e estamos no pleiissimo direito de criticar os homens e os acontecimentos como nos convenha.

Vamos. Vamos, excellentissimo Mattoso. O caso é este, e d'aqui não sahimos: como é que o excellentissimo Mattoso é tão *affeigado* ao sr. José Luciano de Castro e lhe faz partidinhas a todo o instante? Como é que o excellentissimo Mattoso é um *soldado leal* do partido progressista e andou sempre colligado com os adversarios d'esse partido? Como é que o excellentissimo Mattoso é a *abnegação em pessoa* e põe as suas vaidades e os seus odios acima de tudo?

Vamos, vamos. Cance se lá a decifrar esse enigma. Ah! é que é dar-lhe.

Porque é, senão por vaidade, senão por inveja, que o excellentissimo senhor Mattoso combate ferozmente o predominio do sr. Albano de Mello? Porque é, senão por odio cego, por despeito, rancor, inveja, e mais sentimentos condemnáveis, que o sr. Mattoso aquila uma garotada ignobil contra o sr. Manuel Homem de Mello, contra o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, contra todos os elementos preponderantes na politica progressista?

Porque é, senão por isso? Mas tudo isso, ainda assim, se lhe perdoava, se o sr. Mattoso não tivesse tido a louca audacia de dizer, ou de mandar dizer, ou de consentir que se dissesse, que o sr. José Luciano não podia preferir os *caprichos* dos seus correligionarios leaes ás *affeições pessoais e politicas* de seu irmão.

Alto ahí, excellentissimo morgado. Não temos nada com a vida interna do partido progressista, mas temos tudo com a politica do concelho de Aveiro. Alto ahí. E ouça.

Não sabemos, já o dissémos, se o sr. José Luciano de Castro colloca ou não colloca as *affeições pessoais e politicas* de seu irmão acima da lealdade, da dedicacão, da amizade, e amizade nunca desmentida, essa, dos seus correligionarios, dos seus verdadeiros correligionarios, no districto de Aveiro. O que nos admira, o que nos espanta, é que o sr. Mattoso leve a audacia até ao ponto de falar, mandar falar ou consentir que n'isso se fale. O sr. Mattoso, que andava de mãos dadas com o João Franco, chamando por toda a parte insensato ao sr. José Luciano, quando o partido progressista se colligava com o partido republicano contra a famosa dictadura que Jayme de Magalhães Lima, com aquella imbecilidade com que Deus o marcou, collocava e par das grandes revoluções liberaes d'este paiz. O senhor Mattoso, que guerreava ferozmente a candidatura do sr. Albano de Mello, fingindo que se abstinha, quando o sr. José Luciano intervinha pessoalmente a favor d'essa candidatura. O senhor Mattoso, que tinha conferencias permanentes com os chefes da canalha ignobil, que, nas ruas de Aveiro, insultava os progressistas em evidencia, e despedaçava as carruagens dos que vinham, de fóra, tratar negocios á cidade. O senhor Mattoso, que esteve em dia com as arnaças dos *pategos*, *arruaças* que applaudiu calorosamente, se as não incitou, como se diz.

Tem a audacia, o sr. Mattoso, de pretender que o sr. José Luciano colloque um procedimento d'essa natureza acima das provas de lealdade dos seus amigos politicos, só porque o sr. Mattoso, sendo irmão do chefe do partido progressista, persegue esses individuos com a sua inveja, com a sua vaidade, com o seu rancor?

E' demais, sr. Mattoso. E' demais. Essa pretensão é insana. Mas não deixa de ser affrontosa, por isso.

Insana, sim. Porque a verdade é que o sr. Mattoso está exacto-mente ha muito como chefe da politica progressista no districto de Aveiro. Não queremos saber, tornamos a diz-lo, se o sr. José Luciano prefere, ou não, as *affeições pessoais e politicas* do sr. Mattoso ás dedicacões dos seus amigos. O que sabemos é que o sr. Mattoso todos os dias manda insultar a redacção do periodico que é *orgão do partido progressista no districto de Aveiro*. O que sabemos é que o sr. José Luciano recommenda, pessoalmente, um periodico que o sr. Mattoso euche de accusações e vituperios. O que sabemos é que o sr. José Luciano recommenda e impõe candidaturas que o sr. Mattoso condemna e repelle. O que sabemos

é que o sr. José Luciano protege vereações contra as quaes o sr. Mattoso impurra motins e arrua- ções. E isto é a exauctoração com- pleta do sr. Mattoso como chefe da politica progressista no distri- cto de Aveiro.

Sim, sr. Mattoso, a sua exauctoração formal; a sua exaucto- ração completa.

Não fale em afeições *personaes* e *politicas*. Não falle em provas de *lealdade* e de *abnegação*. Não apre- gões os seus *valiosos serviços*. Se tem essas afeições, nunca as de- monstrou. Se é capaz de provas de lealdade e abnegação, não as dá. Se é um soldado disciplinado do partido progressista, procede exactamente como aquelles que o não são.

Cale-se, que não tem outro recurso.

Cale-se, ou ordene á garotada que se cale, para não perder, ao menos, a tradição de *manhoso*, que até essa vae perdendo.

V. ex.^a não tem auctoridade nenhuma para falar nas suas *afecções personaes* e *politicas*, e na sua *abnegação* e *lealdade* como mem- bro do partido progressista.

Nenhuma. Absolutamente nen- huma.

E voltaremos ao assumpto, se necessario fôr.

Ao sr. delegado de saude

Queixa-se um nosso amigo da fôrma como é permittida a venda de peixe no mercado, sem que este, uma vez por outra, seja ins- peccionado pela auctoridade me- dica.

Esta falta dá lugar, como suc- ceceu ao nosso amigo, a comprar- se peixe pôdre e outro em adean- tado estado de decomposição.

Torna-se, pois, necessario e é de justiça que o peixe seja fis- calisado no mercado, com o que muito lucrará o publico consu- midor.

O progresso... de papel sellado

Segundo *determinações supe- riores* não se pôde obter um pas- saporte sem que, previamente, se requiera em papel sellado.

Nesta *evolução progressiva*, d'aqui a pouco só em papel sellado se poderá escrever a familia.

Não se faz questão de proces- so: o que se quer é massa.

Para o homem ha só tres acon- tecimentos: nascer, viver e morrer. Não sente que nasce, sofre para mor- rer e esquece-se de viver.

LA BRUYÈRE.

Ao sr. governador civil

Queixa-se-nos alguém, e com razão, do desfôro com que são repenicados os sinos das duas fre- guezias em occasião de casamen- tos e baptisados.

Realmente, a rapaziada encar- regada de tal serviço, com a mi- ra na gorgeta dos generosos *pa- drinhos*, repenicam o badalo em tão largo espaço de tempo, e, com variações tão *agradaveis*, que al- gum dia arrombarão os tymba- nos dos ouvidos á visinhança.

O sr. dr. Carlos Braga, com certeza, não deixará de pôr cô- bro a semelhante selvageria, or- demando que seja regularisado o tempo das *badaladellas*.

Parece-nos que s. ex.^a não fa- rá senão o que se tem feito em terras inferiores á nossa, mas no que prestará um bom serviço aos ouvidos de todos nós.

Confiamos, pois, nas provi- dencias de s. ex.^a

O morgado do Carmo deu agora no mau sestro de se defender. E vae d'ahi não tendo culpa de coisa nenhuma tambem não tem culpa do mallogro da *Junta Li- beral*.

E não tem culpa nenhuma porque não fazia lá falta, na *Jun- ta*, para o bom *exito dos projectos*.

Não fazia falta, isso é verdade, porque lá estava o *Marechal de Liliput*, o *Mijareta* e quejandos.

Jayme de Magalhães Lima, tortulho reaccionario da peor es- pecie, começou logo por se negar redondamente a entrar em traba- lhos contra os manejos reaccio- narios. Tortulho da peor especie, dissêmos, e é verdade. O rei de- clarava que era liberal e que se oppunha aos manejos jesuiticos.

Falava verdade? Não falava? Pou- co importa. Fazia a declaração, que é o caso. Jayme de Magalhães Lima, mais conservador que o rei, mais reaccionario que os bis- pos, parte dos quaes prestavam homenagem ao regime liberal, nem o nome de liberal queria sobre si. Tratava-se de uma *Junta Liberal*? Pois Jayme de Maga- lhães, que não é liberal, não po- dia fazer parte da *Junta Liberal*.

Esta é que é a conclusão, lo- gica e verdadeira, do procedimen- to havido n'essa epocha pelo mor- gado do Carmo.

Jayme de Magalhães Lima abstin- nha-se rigorosamente, negava-se terminantemente a collaburar no movimento liberal contra a re- acção religiosa. E desde que elle procedia d'essa fôrma, claro é que nem o *Marechal de Liliput*, nem o *Mijareta*, nem nenhum dos figurões que obedecem a Jayme

de Magalhães Lima como carnei- ros, entrava no movimento com sinceridade. Se no primeiro mo- mento alguém julgou isso, não tardou a reconhecer que se en- ganava.

—Como se chama o anjinho?— perguntou o academico. —Tu o dirás— respondeu Anto- nio.—E' teu afilhado.

—Seja Francisco—disse a mãe. —Muito desejaria eu baptisal-o, e dar-lhe o meu nome—observou o academico;—mas tu sabes, Antonio, o resguardo que convem ter com- vosco, com este menino e comigo.

O meu parecer é que se esconda quanto ser possa a influencia que eu hei de ter na criação de teu fi- lho. Melhor é que as suspeitas do mundo, se ellas vingarem descobrir ligações d'esta creança comigo, me julguem a mim, que não a ti, pae d'ella. O meu intento é alugar uma casinha em Coimbra onde a ama viva com elle. Não irei ser padri- uho, para não dar corte á desconfiança de que elle seja meu filho.

Assim se irá creando, até que eu conclua a formatura. N'este meio tempo, quererá Deus que tu voltes a Portugal.

—Voltarei eu?!—exclamou Au- tonio, apertando no mesmo braço, o amigo, o filho, e a mãe, que estava lavando com lagrimas o rosto da creancinha, deitada nos bra- ços do estudante.—Ver-vos-hei eu mais?—balbuciou, intallado de ge- midos. Que futuros melhores posso esperar eu?! Como crês tu possivel o termo da perseguição?...

—Não sei—disse Abreu, fugin- do esperanças.—Não sei... mas as voltas do mundo são tão espanto- sas... Todavia...—continou elle com o alvoroço de uma já sincera esperança—não te lembraste ainda d'uma felicidade muitissimo possi- vel?

—Qual?—conclamaram os dois, para quem um raio de esperança era já coisa do estontear como a luz do sol aos exhumados das tré- vas de longo encarceramento.— Qual? que felicidade nos promettes, meu amigo?

—A mais obvia e facil. O que me espanta é que ella vos não haja sorrído primeiro do que a mim. Ides para Hespanha, não é assim? —Vamos.

—De lá passaes a Hollanda, on- de achareis o abrigo que os nossos irmãos deparam a quantos infeli- zes vão de cá accossados pelas to- chas do auto da fé. Tu, Antonio, és novo e robusto. Se não quizeres

continuar os teus estudos medicos lá fóra, voltas a tua actividade para outra ordem de trabalhos: fazes-te mercador, ganhas dinheiro, esqueces a patria, como se nunca a tivesses, como em verdade não temos; depois mandas ir o teu filhi- nho, como complemento da tua felicidade na vida tranquilla.

—Que sonho!—clamou alegre- mente a filha de Fernão Cabral.— E eu nunca pensára n'isso... —Nem eu...—ajuntou Anto- nio.—Ha umas desgraças que ester- rilisam a mais pensadora e expedi- tiva alma! Eu não via senão escuridade... Agora, bem hajás tu, meu irmão, que me restitúes á serenidade de homem inquebranta- vel por affrontas da sorte... E a ti, a ti, meu amigo? não hei de eu mais ver-te?

—Porque não, se eu hei de ser propriamente quem te vá levar o filho? —Oh! então já sei que ha o an- tever da perfeita felicidade, cá mesmo d'este grande abysmo em que me lancei com esta infeliz meni- na... E, abraçando-se n'ella, chora

o programa que a banda do 24 deve executar hoje, da 1 ás 3 da tarde, no Jardim Publico, é o que se segue:

1.ª PARTE
Viva Leiria (Ordinario).
El Telemaco (Port-pourri).
Fado 2.º (Rey Collaço).
Côrte de Granada (phastasia Mou- riscal).

2.ª PARTE
Homenagem (Ode symphonica).
Roses Blanchés (Valsa).
Bohemia (Ordinario).

Bailes no Theatro
Tem tido alguma concorren- cia os bailes de mascaras no *Theatro Aveirense*.

Hoje ha alli baile, que deve estar mais animado que os ante- riores.

Musica no jardim

De resto, Jayme de Magalhães Lima, sempre o dissêmos, é cohe- rente. Coherente, coherente! Lá isso é! Se elle quer a *canalha acor- rentada*, como ha de admirar Victor Hugo, que queria a *canalha elevada* para poder ficar emancipada? Se elle entende que o povo só vae pela *coacção*, isto é, pela força, pela violencia, pela bordoadá, como ha de admirar Victor Hugo, que tanto combatu pela liberdade e pela fraternidade?

Se Jayme de Magalhães Lima é um tortulho de sachristia, como ha de querer bem ao nome de Victor Hugo, que foi um azorrague de todos os tartufos?

Se Jayme de Magalhães Lima ap- plauda, sem reservas, todos os actos de despotismo, se Jayme de Maga-

lhães Lima só achou um fraco em João Franco, que foi não ter investi- do com maior violencia contra aquelles que defendiam em Portugal as li- berties publicas, como ha de deixar de odiar Victor Hugo, que foi o grande campeão da democracia no se- culo passado?

Estás no teu lugar, fraldiqueiro da reacção. Assim estivessees sem- pre lá.

Sim, Jayme de Magalhães Lima ainda poderia ter essa nota da cohe- rencia se não chorasse os *labregos e pategos*, depois de ter proclamado que a *canalha deve estar acorrentada* e que o povo só se leva por meio da *coacção*. Sem isso, Jayme de Maga- lhães de Lima seria um fraldiqueiro da reacção. Mas distinguia-se do *Ca- becinha* e do *Chica*. A chorar, porém, a sorte dos labregos e pategos, a fazer-se campeão dos *pobres*, d'aquelles que elle quer *acorrentados*, d'aquelles para os quaes só admitta um processo de governo, que é a *coacção*, ficou tão *Chica* como o *Chica* e tão *Cabecinha* como o proprio *Cabecinha*.

Chicas e *Cabecinhas* todos.

Este é que é o facto.

Victor Hugo soffreu as maiores perseguições pela causa da liberdade. Por ella combatu sem treguas nem descanso. A ella sacrificou a sua tran- quilidade e a de todos os seus. Mas era um *mau caracter* porque não per- doava as offensas recebidas. Mas era *grosseiro* porque castigava com dureza os traficantes, os tartufos. Mas era unia *alma ordinaria* porque tinha pe- los mediocrees, pelos *amicis* e *faguets*, todo o desprezo que a mediocridade inspira nos espiritos elevados.

Assim o diz o *morgado do Carmo*, o *Marechal de Liliput*, o *Chica*, o *Ca- becinha* e o illustre *Mijareta*.

Fique o mundo sabendo que para a *Camara do Commercio* Victor Hugo é um homem condemnado.

Formilou os quesitos o illustre *Mi- jareta*. Respondeu grave, um olho aberto e outro cerrado, o formidavel *Marechal de Liliput*. O *morgado do Carmo* fez correr a sentença. O *Ca- becinha* tocou corneta e o *Chica* lan- çou a absolvição.

E ficou Victor Hugo condemnado. Que corja d'imbecis!

Imbecis atrevidos, pela pobreza moral e intellectual do meio em que vivem.

Mas imbecis, em todo o caso.

O SR. JAYME

O morgado do Carmo traduziu o tal sr. Amiel, que acordou os sapos a chamar nomes a Victor Hugo, e per- fillhou-o. O morgado do Carmo não foi traduzir aquelles que prestavam a Vi- ctor Hugo a homenagem devida ao seu grande caracter e ao seu extraor- dinario talento. Não. O cão reaccio- nario não o podia fazer. O cão reaccio- nario, para quem a dictadura de João Franco — e ainda abre a bocca este paparreta! — valia tanto como as re- voluições que se fizeram em Portugal com as armas na mão — ó paparreta, ó paparreta! — não podia ter admira- ção nenhuma por Victor Hugo. Só lhe podia ter o rancor de todos os mes- quinhos de cabeça e de coração.

Foi esse rancor que elle manifes- tou quando traduziu e adoptou Amiel e Renouvier. Foi esse rancor que elle manifestou quando trouxe em reforço o tal sr. Faguet. E' essa rancor que elle manifesta no ultimo numero da pa- peleta, quando, por intermedio do ga- roto, torna a perfilhar o tal sr. Fa- guet para chamar a Victor Hugo a *vaidade*, o *rancor*, a *falta de perdão*, o *insulto grosseiro*, *alma insufi- cientemente elevada e mes- mo bastante ordinaria*. *apa- gada n'um grande genio co- mo um homem commum n'uma grande praça*.

O morgado do Carmo, pela voz do *Cabecinha*, agarrado á auctoridade do tal sr. Faguet, a que elles chamam um dos *immortaes* em vez de lhe cha- marem um dos *medalhões*, porque se na Academia Franceza tem, de fa- cto, entrado *immortaes*, tambem lá tem entrado simples *medalhões* como o Faguet, com prejuizo de verdadei- ros *immortaes*, como Zola, que nunca lá entrou, o morgado do Carmo a vomitar improprios, pela voz do *Cabe- cinha*, sobre Victor Hugo, é d'aquel- les trechos comicos de Aveiro que já nem fazem rir, quanto mais zangar. Não obstante, demonstra bem o espirito miseravel da gente que rabisca no papelucho indecente e asnatico.

Verdadeiros pelintões!

O espirito miseravel, reaccionario, tacanho, d'esses e de toda a corja que obedece ao mando de Jayme de Magalhães Lima.

De resto, Jayme de Magalhães Lima, sempre o dissêmos, é cohe- rente. Coherente, coherente! Lá isso é! Se elle quer a *canalha acor- rentada*, como ha de admirar Victor Hugo, que queria a *canalha elevada* para poder ficar emancipada? Se elle entende que o povo só vae pela *coacção*, isto é, pela força, pela violencia, pela bordoadá, como ha de admirar Victor Hugo, que tanto combatu pela liberdade e pela fraternidade?

Se Jayme de Magalhães Lima é um tortulho de sachristia, como ha de querer bem ao nome de Victor Hugo, que foi um azorrague de todos os tartufos?

Se Jayme de Magalhães Lima ap- plauda, sem reservas, todos os actos de despotismo, se Jayme de Maga-

lhães Lima só achou um fraco em João Franco, que foi não ter investi- do com maior violencia contra aquelles que defendiam em Portugal as li- berties publicas, como ha de deixar de odiar Victor Hugo, que foi o grande campeão da democracia no se- culo passado?

Estás no teu lugar, fraldiqueiro da reacção. Assim estivessees sem- pre lá.

Sim, Jayme de Magalhães Lima ainda poderia ter essa nota da cohe- rencia se não chorasse os *labregos e pategos*, depois de ter proclamado que a *canalha deve estar acorrentada* e que o povo só se leva por meio da *coacção*. Sem isso, Jayme de Maga- lhães de Lima seria um fraldiqueiro da reacção. Mas distinguia-se do *Ca- becinha* e do *Chica*. A chorar, porém, a sorte dos labregos e pategos, a fazer-se campeão dos *pobres*, d'aquelles que elle quer *acorrentados*, d'aquelles para os quaes só admitta um processo de governo, que é a *coacção*, ficou tão *Chica* como o *Chica* e tão *Cabecinha* como o proprio *Cabecinha*.

Chicas e *Cabecinhas* todos.

Este é que é o facto.

Victor Hugo soffreu as maiores perseguições pela causa da liberdade. Por ella combatu sem treguas nem descanso. A ella sacrificou a sua tran- quilidade e a de todos os seus. Mas era um *mau caracter* porque não per- doava as offensas recebidas. Mas era *grosseiro* porque castigava com dureza os traficantes, os tartufos. Mas era unia *alma ordinaria* porque tinha pe- los mediocrees, pelos *amicis* e *faguets*, todo o desprezo que a mediocridade inspira nos espiritos elevados.

Assim o diz o *morgado do Carmo*, o *Marechal de Liliput*, o *Chica*, o *Ca- becinha* e o illustre *Mijareta*.

Fique o mundo sabendo que para a *Camara do Commercio* Victor Hugo é um homem condemnado.

Formilou os quesitos o illustre *Mi- jareta*. Respondeu grave, um olho aberto e outro cerrado, o formidavel *Marechal de Liliput*. O *morgado do Carmo* fez correr a sentença. O *Ca- becinha* tocou corneta e o *Chica* lan- çou a absolvição.

E ficou Victor Hugo condemnado. Que corja d'imbecis!

Imbecis atrevidos, pela pobreza moral e intellectual do meio em que vivem.

Mas imbecis, em todo o caso.

Tem estado em Aveiro o sr. coronel de cavallaria, Leopoldo Gouveia, que veio inspeccionar o esquadrão de cavallaria 7, aqui aquartellado. Tem lhe sido presta- das as honras militares da Prata, 160 á sua cathegoria.

Sua ex.^a tem 200 principaes monumentos na cida- de e seus contornos.

— Quem, fazendo o beneficio, o lembra, é vil; quem, recebendo-o, o esquece, é ingrato.

vam ambos lagrimas já de jubilo, como as de quantos naufragos que apegam sobre ponta de rocha, aiu- da quando ao despegarem-se, para ganhar terra, voragens novas se lhes antepoñham.

N'este dia, como se a adversi- dade cançasse de cruciar os dois fugitivos, boa nova lhes chegou a sobredoirar os prazeres da espe- rança.

Sem embargo da raivosa perse- quição do fidalgo de Bragança á inculpada familia do hebreu, as leis não se dobraram a sentenciar a perdição dos innocentes. Apoz dez mezes de masmorra na cidade da Guarda, os dois velhos e seus fi- lhos sahiram livres, sob a bandeira misericordiosa dos dignitarios da Sé, conjurados todos em depo- rem sobre a pura christandade dos presos, e sua irresponsabilidade nas desordens do mau membro de sua familia.

Rednbra-la a exultação de An- tonio com esta nova, queria já elle dispensar-se de receber o impres- timo de Francisco de Abreu, como quem contava com sobejo dinheiro de sua casa resgatada do seques-

FOLHETIM

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

INTRODUCCAO

A's dez horas da noite seguinte, Francisco Luiz e o seu amigo sahi- ram de Coimbra, cada qual por di- versa porta. O benfeitor foi para Ourem, sua terra; o judeu da Guar- da, por desvios escusos, entrou, de- corridas duas noites de jornada, na abegoaria cude o esperava a mãe da creancinha, que bebia um leite agnado de lagrimas.

Dez dias volvidos, por noite al- ta, entrava no mesmo casalejo Fran- cisco Luiz de Abreu, com uma ama de leite, e com a sua legitima ma- terna n'um sacco de moedas de ouro.

Contemplou a formosura da pec- cadora, e a formosura do innocen- te nos braços d'ella. Sandou-os, chorando e tomou a creancinha muito aconchegada do seio.

CHRONICA

IMPRESSIONES...

Com a curiosidade aguçada pela...

Uma viagem enfiada é impertinente...

Pela meia tarde achavamo nos no...

Em duas ou três filas e na frente...

A Musica Nova fazia ouvir as...

O Zé Pereira seguia-lhe as pisadas...

Fazia a ornamentação exterior da...

Chamou-nos a attenção uma dorna...

Para que é aquillo? perguntá...

— E' para o Salvador se sentar...

— Para que é aquillo? perguntá...

Por isso que actores...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

paziada expozesse aos compatriotas...

Entramos na capella. Fazia as honras d'entrada...

No interior acotovelam-se as beatas...

E nós depois de admirarmos o brilho...

A' porta, uma mulhersinha entregava...

Cá fóra um borbolino dos demônios...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

A salubridade em Aveiro — Providencias

De todos é sabido que na cidade...

Rara é a noite em que, fóra d'horas...

Isto vê se todas as noites, como...

Na rua de Santo Antonio, por exemplo...

Por isso, o solo ali se vê constantemente...

Mas isto dá-se em varios pontos...

Ora isto não póde continuar assim...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque...

Feijão branco... 960 » encarnado... 15050 » manteiga... 800 » amarelo... 800 » mistura... 760 » caraça... 15000 » frade... 800 Milho branco... 570 » amarelo... 540 Trigo gallego... 15060 » tremoz... 960 Batatas, 15 kilos... 220 Ovos, duzia... 140

Foi contractado pelo empresario...

Que venha de lá coberto de gloria...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

Se o duque d'Aveiro se lembra...

— Já en vi o taberneiro...

— Não que gato e carneiro...

COISAS UTEIS

Algunas verbas da Lei do Sello. — Recibos ou quitações e seus duplicados:

De 15000 réis a 103000 réis... 010 De mais de 103000 réis a 503000 réis... 020 De mais de 503000 réis a 1003000 réis... 030 De mais de 1003000 réis a 2503000 réis... 050 Cada 2503000 réis a mais ou fracção d'esta quantia... 050

LETRAS Á VISTA OU ATÉ 8 DIAS

De 15000 réis a 203000 réis... 20 De 203000 réis a 403000 réis... 40 De 403000 réis a 603000 réis... 60 De 603000 réis a 803000 réis... 80 De 803000 réis a 1003000 réis... 100

Augmentando 100 réis por cada 2503000 ou fracção a mais

LETRAS A MAIS DE 8 DIAS DE VISTA

De 15000 réis a 203000 réis... 20 De 203000 réis a 403000 réis... 40 De 403000 réis a 603000 réis... 60 De 603000 réis a 803000 réis... 80 De 803000 réis a 1003000 réis... 100

Augmentando 100 réis por cada 2503000 réis ou fracção a mais.

Acções ou titulos representativos de capital de quaesquer sociedades...

Até 53000 réis, 020 — de 53000 até 103000, 030 — de mais de 103000 até 503000, 075 — de mais de 503000 até 1003000, 150. — Cada 1003000 a mais ou fracção d'esta quantia, 150 réis.

VALES DO CORREIO E TELEGRAPHICOS

De 15000 réis a 103000, 010 — de mais de 103000 a 203000, 020 — de mais de 203000 a 303000, 040 — de mais de 303000 a 403000, 060 — de mais de 403000 a 503000, 100 réis.

São isentos os vales do correio chamados de serviço.

Portes das encomendas postas expedidas de Portugal para os paizes abaixo indicados:

— Alemanha:

Via Hespanha e França... 585 Via Hespanha e Belgica... 715 Por paquetes allemandes... 585

— Argentina (Republica):

Por paquetes francezes... 15040

— Austria-Hungria:

Via Hespanha... 715 Paquetes allemandes... 715 Via Italia—Paquetes allemandes... 520

— Belgica:

Via Hespanha... 585 Paquetes allemandes... 715

— Bolivia:

Paquetes ingleses... 15365

— Brazil:

Paquetes portuguezes ou ingleses... 975

— Bulgaria:

Via Hespanha... 15040 Paquetes allemandes... 15040 Paquetes italianos... 845

— Chili:

Paquetes ingleses... 15105 Paquetes allemandes... 15495

— China:

Via Hespanha... 1523 Paquetes allemandes... 1523 Paquetes italianos... 15040

— Colombia:

Via Hespanha... 15300 Paquetes ingleses | 1 kilo... 975 | 3 kilos... 15300 | 5 kilos... 15625 Paquetes allemandes... 15430 Paquetes italianos... 975

— Congo:

Via Hespanha... 15105 Via Allemanha... 15235

— Dinamarca comprehendendo a Islandia e Groenlandia:

Via Hespanha... 715 Via Allemanha... 715

— Egypto:

Via Hespanha... 910 Via Allemanha... 15040 Via Italia... 715 Paquetes ingleses | 1 kilo... 650 | 3 kilos... 975 | 5 kilos... 15300

— Equador:

Via Hespanha... 15560 Via Allemanha... 15495

NOTA: O limite de peso das encomendas é de 5 kilos, excepto á destinadas á Bolivia, Hespanha e Paraguay cujo limite é de 3 kilos. As encomendas que vão expedidas por via de terras tambem tem o limite de 3 kilos. Não póden ter mais de 60 centimetros de dimensão em cada face.

Febra de Março

Começou já o levantamento das barracas para a Feira de Março do presente anno.

Vamos, pois, em breve tempo, gosar uma das melhores temporadas d'aqui, ainda que então os nossos bolsos emagrecam e intisiquem.

Enfim, sempre ao menos a gente gosa uma vez... no anno.

As almas do outro mundo

O assumpto da semana tem sido o apparecimento de diversos e extraordinarios phenomenos em casa de Joaquim Marques Ferreira, da Forea. Dizem-nos que de noite se não tem podido dormir na casa, com o constante barulho que ali se faz, e que as cadeiras e o telhado tem soffrido sérios prejuizos com a tal sobrenaturalidade.

Mas o mais engraçado, para não dizermos o mais triste, é que o bom do homem tem apanhado uma boa dose de pedradas, que elle diz não saber a proveniencia e do que lhe resultou varias contusões pelo corpo.

Ora ali está um caso digno de ser visto e apreciado pelo coronel Rochas, actualmente em Lisboa na investigação d'estes factos.

E não lhe levamos nada pela noticia.

Cambios

O cambio do Brazil sobre Londres está a 11 3/4 Libra no Brazil: 205425 réis; em Portugal, 55620 réis.

MISCELLANIA

Bacalhau bibliophilo. — Referiu a Revista Scientifica que um pescador apanhou, nas costas de Inglaterra, um bacalhau cujo peso era de 8 kilos. Ao abril-o, viu com surpresa que o peixe tinha no estomago... nada menos que um livro encadernado! Já por outras vezes se tem pescado bacalhaus bibliophilos. Assim, por exemplo, em 1626 foi vendido no mercado de Cambridge um peixe d'esta especie, o qual tinha no estomago um livro precioso.

Recetta contra o mau hálito. — Chlorato de potassa, 6 partes; assucar, 10 partes; agua 120 partes. Usa-se ás colheres de sopa, uma de cada vez, e por duas vezes no dia, cumprindo observar-se que esta applicação deve ser feita uma ou duas horas antes da comida.

Tinha razão. — Dizia Catão, o censor, que havia tres coisas de que elle se arrepedia sempre que as fazia.

Eram estas: passar um dia sem aprender nada; viajar por agua quando o podia fazer por terra; e confiar um segredo á mulher.

A palavra «phosphoro». — Como se escreve a palavra phosphoro em lingua sueca: Sakerhetstándsticker.

VENDE-SE

Um banco de marceneiro quasi novo, e tambem a ferramenta. N'esta typographia se diz.

tro. O amigo, porém, não condescendeu nem o desquitou da obrigação de devador, instando na immediata sahida de Portugal, porque a raiva do fidalgo redobraría de vigilancia, depois da soltura dos presos em quem não podéra assentar em cheio a mão rancorosa.

Prevaleceram as judiciosas previsões de Francisco Luiz. A'quelle hora, de feito, já Fernão Cabral, esporeado pelo odio, apertava novas diligencias para descobrir o rasto dos fugitivos, e, mediante disfarcados espias que na Guarda lh'os andavam fureando, não estava já longe de lhes descobrir o rasto.

Ao outro dia, depois de muito chorar da mãe, a cujo seio arrancaram a creancinha, Francisco Luiz, sem saber como se estancavam lagrimas de tão puro sangue de alma, fugiu para assim dizer com o menino, sem esperar as ultimas despedidas.

Ao anoitecer d'este dia, os consternados paes por serranias não trilhadas endireitaram ás fronteiras e vingaram entrar em Hespanha. Contemplavam-se a espaços,

e viam nos olhos um do outro o desconforto, a desesperança, o convencimento de que sua desgraça ia crescendo. — E o nosso filhinho? — dizia ella em gemidos, que pareciam um arrancar da vida. E elle cobria o rosto com as mãos, arquejava, engulia as lagrimas e não respondia. — Que mal fizemos em deixar a creancinha! — voltava ella, cruzando os braços sobre os seios, que lhe doiam entumecidos do leite. — Que ruim mãe eu fui!... Men Deus, perdoae-me que eu sómente agora considero a grandeza do meu crime! — Não chores assim! — atalhava o atribulado moço. — Pois como andarias tu fugitiva com um filhinho de tres semanas! O Maria, por Deus te peço que nos não atormentemos! Ajuda-me a ser homem! Ampara-me, pela boa sorte do nosso filho te rogo que me ampaes! Volta ao futuro os olhos de tua alma! Esperemos... Incitemos, sejamos fortes, não nos deixemos acabar aos golpes d'esta saudade.

(Continúa.)

Cura do rheumatismo

O linimento anti-rheumatico de Miranda, é o melhor remedio até hoje conhecido para a cura d'esta doença. Numerosos attestados de doentes provando os seus bons resultados. Faz desaparecer em curto espaço de tempo as dôres ao padecente.

Envia-se pelo correio para todas as terras.

Preço do frasco 500 réis. Pelo correio 550 réis.

Deposito pharmacia Miranda
RIO TINTO

VENDA DE CASA

Vende-se um predio de casas altas na rua de Jesus e em frente á igreja do Convento.

Tem um pequeno pateo e sahida para a rua do Rato.

Trata-se na rua Direita, n.º 43 a 45.

LANDEAU

VENDE SE um quasi novo. Nesta typographia se diz.

Vinho puro de Bucellas

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

N. B.—So se garante o proprio vlaho o vendido no mesmo estabelecimento.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

ARMAZENS DA

BEIRA-MAR

DE MANUEL GONÇALVES NOBEIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22
R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Gam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros. Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida). Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada. Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas. Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa). Flôres artificiaes e corôas funerarias. Ampliações photographicas. Encadernações. **N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.**

MINERVA

N'esta typographia compra-se uma de pequeno formato, em segunda mão. Escrever carta mencionando preço.

HISTORIÁ

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanaes de 32 paginas, a fim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na biblioteca de cada lar como testemunho authentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como edes lutaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas..... 60 réis
Cada vol. brochado... 1.500 »
Obra completa (4 vol) 6.000 »

A assignatura por fasciculos pôde ser mensal, quizenal, ou semanal á vontade do assignante. Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Mello Guimarães.

HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas. QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes. VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1. vol. EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol. A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol. SENHOR EU, de Farina.—1 vol. Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.
Largo do Rocio, 42 a 44

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS
Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra
Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras
R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

Catecismo Moderno (ILLUSTRADO)
Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.
Preço 50 réis
A' venda na Livraria Elysis—Rua Formosa, 282 PORTO

COSINHA PORTUGUEZA ou ARTE CULINARIA NACIONAL COLLABORAÇÃO DE SENHORAS (Productos reservados a um fim patriótico e piedoso)
2.ª edição, muito melhorada

Contém:—Preliminares sobre Modo de bem viver; A nossa habitação; A agua; A nossa alimentação; O nosso vestuario; Preceitos diversos. 795 receitas, com as seguintes secções: Sopas e purés, 41; Legumes e hortaliças, 25; Carnes diversis, 100; Croquetes e almondegas, 15; Peixes diversos (receitas de bacalhan, 35), 91; Molhos diversos, 28; Massas e entre meios, 19; Pasteis, tortas e empadas, 29; Ovos e omeletas, 27; Saladas diversas, 8; Doces de sobremesa, 203; Compostas e conservas, 254; Doces de chá, 155.—Total 795.
A' venda unicamente na Imprensa Academica, de Coimbra para onde devem ser feitas as requisições, acompanhadas da sua importancia, que é:—Em brochura, 600 rs. Pelo correio, 650. Em formosa cartongem, 700. Idem 760 réis.

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolve-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homericas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.
A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a côres
Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas

Cercoadas pela academia franceza

A CARTEIRA DO REPORTER

POR JULIO VERNE

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido demais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.
Trad. de EDUARDO NORONHA
Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações.
Preço 500 réis
A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA "PFAFF,"

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN
São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para correiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambrala ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

- E ensino gratis. Garantia illimitada.
- A prestações e a diuheiro com grandes descontos.
- Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
- Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
- Conserta-se machinas de todos os systemas.
- Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.
- Pedidos a

José Maria Simões & Filho
ANADIA—SANGALHOS

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. E' esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entreecho e pela sua forma artistica e impecavel.
DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES
Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

ROLÃO PALMA

ESTA fariinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.
Praça do Peixe
AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS?
QUO VADIS?
tradução de EDUARDO DE NORONHA
300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.º volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

POR JOÃO DE MENEZES
A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.
Preço 200

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO
75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79